



## O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MORTE EM CRIANÇAS SAUDÁVEIS

Julia Roveri Rampelotti\* (Graduanda do curso de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba-PR). Najla Maryla Maltaca\*\* (Graduanda do curso de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba-PR). Vittoria do Amaral Ceccato de Lima\*\*\* (Graduanda do curso de Psicologia; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba-PR). Cloves Antonio de Amissis Amorim (Orientador do trabalho; Graduado em Psicologia; Doutor em Educação; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: juliaramp@gmail.com\*

najla\_maltaca@hotmail.com\*\*

amaral.vittoria@gmail.com\*\*\*

Psicologia da Saúde e Hospitalar

**Palavras-chave:** Criança. Morte. Conceito de Morte.

A morte faz parte do desenvolvimento de cada indivíduo e é sentida pela criança antes mesmo de ser vivenciada concretamente. A partir do momento que a criança percebe a ausência de sua mãe, seu animal de estimação foge ou algum brinquedo é perdido, significados e qualidades passam a ser atribuídos a esse conceito. Essas situações representam perdas que servem como ponto de partida para a busca da compreensão da morte (KOVÁCS, 1992). Dado a complexidade e importância desse assunto no ciclo vital dos indivíduos, o desenvolvimento do conceito de morte tem sido objeto de estudo para muitos pesquisadores (KOOCHER, 1973; TORRES, 1979; NUNES et al., 1998). Em sua maioria, as pesquisas a respeito desse tema abordam dois métodos de exploração que se entrelaçam: a idade e o nível de desenvolvimento global da criança.

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, a teoria de Piaget nos disponibiliza alguns conceitos teóricos que servem como ponto de partida para essa compreensão. O presente estudo tem como foco principal crianças de 5 a 7 anos, que se encontram no estágio pré-operatório. Para Piaget (1983), é nesse estágio que ocorre um aumento significativo do uso de símbolos, imagens e palavras para representar ou significar eventos. Entretanto, o entendimento da criança a respeito dos eventos ainda está baseado no pensamento lógico e racional, manifestando pela falta de reversibilidade, ou seja, pela incapacidade de desfazer mentalmente uma ação. O período pré-operatório também é marcado pelo animismo e realismo. Isso implica em um pensamento infantil caracterizado pela tendência em dar vida e consciência à objetos inanimados. A criança considera que imagens, nomes, sentimentos e pensamentos são a essência do objeto. Como consequência disso, a morte adota corporeidade.



Speece & Brent (1984) analisaram alguns componentes básicos que auxiliam na compreensão sobre como as crianças enxergam a morte: universalidade, irreversibilidade e não funcionalidade. Universalidade é o entendimento que todas as coisas vivas morrem inevitavelmente. A irreversibilidade entende a morte como final e permanente. Por fim, a não funcionalidade se refere à cessação de todas as funções definidoras da vida após a morte. Koocher (1973) e Nagy (1948) relatam que as crianças no pré-operatório ainda compreendem a morte como temporária e reversível, além de serem capazes de mencionar algumas alternativas para reviver coisas mortas e de negarem a sua própria morte.

O presente estudo foi desenvolvido na disciplina de Tanatologia do terceiro período do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus de Curitiba. Considerando o Parecer 510/2016 do Ministério da Saúde, a pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética, sendo sustentada pelo item VIII do Artigo 1º do referido parecer, onde se lê:

**Art. 1º** Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e

VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.

O objetivo do estudo foi investigar o desenvolvimento do conceito de morte em crianças saudáveis. Participaram 40 crianças de 5 e 6 anos, sendo 22 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Todas as crianças estavam matriculadas no Ensino Fundamental. Para a coleta de dados, foi solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) por parte dos responsáveis e aplicado individualmente o “Inventário de Sondagem de Desenvolvimento do Conceito de Morte”, elaborado e validado por Wilma da Costa Torres (1979).

O Instrumento avalia três dimensões a respeito do conceito de morte. A dimensão Extensão tem como objetivo avaliar o conceito de universalidade, apresentando 11 itens que questionam o grau de compreensão dos indivíduos acerca dos seres que morrem (ex.: Passarinho morre? Por quê? Sol morre? Por quê?). A dimensão Significado conta com 17 itens que avaliam o entendimento da criança a respeito da não-funcionalidade da morte (ex.: Como você sabe que alguém está dormindo ou



acordado? Os mortos se movem ou não? Por quê?). Por fim, a dimensão Duração envolve 8 itens que avaliam o grau de compreensão das crianças acerca do tempo de permanência da morte, ou seja, o entendimento da criança a respeito da irreversibilidade da morte (ex.: Se uma pessoa morresse, o que você faria por esta pessoa morte? Deixaria a pessoa morta no hospital até que ela melhorasse?).

A seguir, é possível observar uma tabela a respeito das dimensões desenvolvidas em relação ao sexo das crianças e uma tabela com as dimensões desenvolvidas de acordo com a idade das crianças.

Tabela 1

**Dimensões desenvolvidas de acordo com o sexo dos participantes**

Dimensão avaliada	N de meninas	N de meninos	% Total
Extensão	10	11	50%
Significado	4	4	20%
Duração	11	11	55%

Tabela 2.

**Dimensões desenvolvidas de acordo com as idades dos participantes**

Idade	Dimensões avaliadas	N de crianças	% Total
5	Extensão	4	10%
	Significado	0	0%
	Dimensão	2	5%
6	Extensão	17	37,5%
	Significado	7	17,5%
	Dimensão	9	47,5%

Durante a aplicação do Instrumento, não foi notado nenhum desconforto, verbalizações de medo ou pedidos para interromper o questionário. Apesar disso, foi possível perceber que algumas crianças demonstraram surpresa quando o assunto “morte” foi abordado. Paiva (2008) aponta que o tema “morte” entrou no rol de assuntos proibidos para crianças. Os adultos subestimam a criança e adotam uma postura de negação frente a esse tema, minimizando e afastando a criança do significado da morte.

Como citado anteriormente, o presente artigo aborda crianças na fase pré-operatória, descrita por Piaget (1983) como um período marcado pela irreversibilidade. Apesar disso, 55% dos participantes do estudo apresentaram a dimensão duração formada. Kovács (2008) afirma que os meios de comunicação podem influenciar no desenvolvimento desse conceito por mostrar personagens que desafiam e sobrevivem situações de morte, passando a ideia da morte como manipulável e reversível.



Além disso, os dados coletados afirmam que nenhuma criança de 5 anos e apenas 17,5% das crianças de 6 anos apresentaram o conceito de significado formado. Siqueira (2013) ressalta que além das crianças no período pré-operatório não acreditarem na irreversibilidade da morte, também não conseguem fazer a distinção apropriada entre seres animados e inanimados, influenciando no conceito de não-funcionalidade da morte.

Gesell (1971) citado por Torres (1996) afirma que nas idades de 6 a 7 anos é comum a associação da morte à causa específicas, como doença, assassinato e velhice. Nesse período, a morte ainda não é vista como um processo biológico, mas em termos de experiência humana específica. Esses dados foram encontrados nas respostas de 26 crianças, que apontaram alguma causa externa, como “homem morre quando fica velho”, “morre de acidente”, “se for atropelado” ou “com espada, faca ou tiro”, para explicar a morte.

Por falta de dados, o presente estudo não avaliou a influência da cultura, do nível socioeconômico e de experiências prévias no desenvolvimento do conceito de morte. Além disso, o entendimento a respeito da morte não obteve diferenças significativas em relação ao sexo das crianças. Já em relação às dimensões avaliadas, destacou-se a dimensão duração. Mais da metade das crianças entrevistadas apresentaram essa dimensão formada, contradizendo os estudos de Piaget (1983). Diversos fatores podem ser apontados para isso, mas os principais encontrados na literatura abordam a cultura, nível socioeconômico, as experiências prévias, religião e os meios de comunicação. É possível encontrar estudos contraditórios a respeito da influência desses fatores no entendimento da criança sobre a morte, apesar disso, o consenso é geral quando abordada a importância de discutir o tema morte com as crianças, evitando a mistificação do tema.

Os estudos sobre o tema tiveram início nos anos 30 e 40, ocasionando uma sensação de esgotamento do assunto. Entretanto, da mesma forma que a aplicação da teoria piagetiana em contextos educativos é uma meta ainda distante, pode-se inferir que os profissionais que se ocupam de criança diante da morte não têm acesso a essas publicações, e de alguma forma, atuam mais por intuição do que por protocolos baseados em evidências. Por esse motivo, destaca-se a importância da continuidade de estudos na área.

## REFERÊNCIAS

- Koocher, G. P. (1973). Childhood, Death and Cognitive Development. *Developmental Psychology*, 9 (3), p. 369-375, University of Missouri.
- Kovács, M. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 18(41), 457-468.



- Nagy, M. (1948). The child's theories concerning death. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 73(1), 3-27.
- Nunes, D., Carraro, L., Jou, G., & Sperb, T. (1998). As crianças e o conceito de morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 579-590.
- Paiva, L. E. (2008). *A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de Sao Paulo.
- Piaget, J. (1983). *A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética* (2ª ed.). São Paulo: Abril Cultural.
- Siqueira, T. (2013). A evolução do significado da morte durante a infância. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 18(183).
- Speece, M., & Brent, S. (1984). Children's understanding of death: a review of three components of death concept. *Child Development*, 55(1), 1671-1686.
- Torres, W. (1979). O conceito de morte na criança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 31(4), 9-34.
- Torres, W. (1996). *O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de diferentes condições sócio-experienciais*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.